

Adélia Prado

TUDO QUE EXISTE  
LOUVARÁ  
antologia

*escolha dos poemas, organização e prefácio*

José Tolentino Mendonça  
Miguel Cabedo e Vasconcelos

ASSÍRIO & ALVIM

## O CASO ADÉLIA PRADO

Adélia Prado provoca escândalo. Nasceu há oitenta anos no estado de Minas Gerais (o mesmo de outros dois desmesurados criadores, Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade), mas numa cidadezinha do interior com um nome improvável, que parece criado de propósito para a sua biografia: Divinópolis. Adélia é católica praticante. Foi professora de religião. Os seus poemas reben-tam de Deus e de dogmática cristã, trazem colados ao corpo o cheiro das escrituras sagradas e sobretudo esse, pois, como ela diz, «os escri-tores são insuportáveis, / menos os sagrados». Descrevem (melhor se diria, habitam) a liturgia com uma minúcia fascinada, falam de pa-dres e homilias com o à-vontade dos entendidos e são, eles mesmos, litânicos, devotos, nervosos, orantes, teológicos, extasiados. Além disso, ela conta sem reservas o seu amplo ativismo católico: como circula conferenciando entre os vários movimentos eclesiais, pas-sando pelas faculdades de teologia até aos retiros espirituais onde chegou a ter uma liderança comprometida. Ainda em 1999, numa entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*, o entrevistador lembrava-lhe que «parte da crítica e também da comunidade dos poetas, fiéis a um velho preconceito, ainda a consideram mais uma catequista do que uma escritora». Coisa que, diga-se, não a preocupa nada. Como dirá Adélia, «descobri que a experiência poética é sempre religiosa, quer nasça do impacto da leitura de um texto sagrado, de um olhar amo-roso sobre você, ou de observar formigas trabalhando».

Adélia provoca escândalo. Esta mulher sobre a qual recai a acusação de ser demasiado religiosa e demasiado provinciana (mesmo se ela explica, com humor, que o quotidiano em Divinópolis é igual ao de Hong Kong) construiu uma obra poética vital que a coloca, com inteira justiça, entre as grandes vozes do nosso tempo: instigadora na proposta, destemida na invenção, antilírica até ao osso e contudo ardente, sem pingo de condescendência mas magnificamente sensorial, dinamitando as zonas de conforto onde a poesia moderna se instalou, mostrando que a ortodoxia é uma forma radical de heterodoxia e a mais ínfima reverência deve ser mais temida do que a maior blasfémia. E ela é linda, assim como é, beata e sumptuosa, batendo solitários caminhos tão longe de correntes, escolas e bandos.

Como beato e sumptuoso era, por exemplo, Hugo Ball, fundador do mítico Cabaret Voltaire, a manjedoura da vanguarda dadaísta, mas também de uma das mais geniais aventuras do catolicismo no século XX. Num mundo que olha a religião como um monte de velharias cuja capacidade de produzir sentido há muito foi desativada, Ball caminhava em contramão, relendo sim criticamente os processos extremos da secularização. Giorgio Agamben há de escrever sobre ele, «em Hugo Ball há um vínculo estrito entre as práticas da vanguarda artística e a liturgia», e é pura verdade. Como há um vínculo entre as vidas edificantes dos santos bizantinos que ele estudou (João Clímaco, Dionísio Areopagita e Simeão, o estilita) e as formas alternativas para a vida política da Europa nas quais se empenhava. Como há um nexa entre a insurreição visual do cubismo e os Padres da Igreja. Ou entre o dadaísmo e o misticismo apofático cristão: «Quando me

encontrei com a palavra “Dadá” fui chamado duas vezes por Dionísio Areopagita, D.A.-D.A.» — explicará Ball. Quem tiver ouvidos para ouvir, ouça!

O parentesco de Adélia Prado deve ser buscado numa polifônica geografia de acrobatas do absoluto e de rebeldes. Guimarães Rosa, pois claro. E Clarice Lispector, é óbvio. Mas também Francisco de Assis, Teresa de Jesus, Gerard Manley Hopkins, Emily Dickinson, Flannery O’Connor, Maria Gabriela Llansol e por aí fora.

Adélia provoca escândalo. A expressão cultural, como nos avisam as diversas tradições litúrgicas, é intimamente corporal. Os sacramentos pedem matéria (água no Batismo, o óleo da unção na Confirmação, pão e vinho na Eucaristia, etc.), porque o espiritual supõe o sensível. Com efeito, os êxtases espirituais de Teresa viam-se no corpo — como o atesta o Bernini da Igreja de Santa Maria da Vitória, em Roma —, a contemplação do Poverello de Assis fazia-o levitar três metros acima do chão, e as experiências místicas de São João da Cruz tinham consequências somáticas marcantes, como o vômito. Adélia Prado assim o entende. O religioso sem corpo é triste, incompreensível e anímico, porque é com o corpo que se ama a Deus. O corpo é que nos abre, como janela, para a transcendência: Deus só é experimentável a partir do corpo e na relação com corpo. A poética de Adélia Prado é, por isso, escandalosamente erótica, porque é, talvez mais ainda, escandalosamente sacramental.

JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA  
MIGUEL CABEDO E VASCONCELOS

## A FORMALÍSTICA

O poeta cerebral tomou café sem açúcar  
e foi pro gabinete concentrar-se.  
Seu lápis é um bisturi  
    que ele afia na pedra,  
na pedra calcinada das palavras,  
imagem que elegeu porque ama a dificuldade,  
    o efeito respeitoso que produz  
        seu trato com o dicionário.

Faz três horas já que estuma as musas.  
O dia arde. Seu prepúcio coça.  
Daqui a pouco começam a fosforescer coisas no mato.  
A serva de Deus sai de sua cela à noite  
    e caminha na estrada,  
passeia porque Deus quis passear  
        e ela caminha.

O jovem poeta,  
    fedendo a suicídio e glória,  
rouba de todos nós e nem assina:  
    «Deus é impecável».

As rãs pulam sobressaltadas  
    e o pelejador não entende,  
quer escrever as coisas com as palavras.

## EM PORTUGUÊS

Aranha, cortiça, pérola  
e mais quatro que não falo  
são palavras perfeitas.  
Morrer é inexcedível.  
Deus não tem peso algum.  
Borboleta é *atelobrob*,  
um sabão no tacho fervendo.  
Tomara estas estranhezas  
sejam psicologismos,  
corruptelas devidas  
ao pecado original.  
Palavras, quero-as antes como coisas.  
Minha cabeça se cansa  
  neste discurso infeliz.  
Jonathan me falou:  
                                  «Já tomou seu iogurte?»  
Que doçura cobriu-me, que conforto!  
As línguas são imperfeitas  
                                  pra que os poemas existam  
e eu pergunte donde vêm  
                                  os insetos alados e este afeto,  
                                  seu braço roçando o meu.

# ARTEFATO NIPÔNICO

A borboleta pousada  
ou é Deus  
ou é nada.

## ÍNDICE

PREFÁCIO, <i>O Caso Adélia Prado</i> .....	5
BAGAGEM	
Com licença poética .....	11
Sensorial .....	12
Orfandade .....	13
Círculo .....	14
No meio da noite .....	15
Módulo de verão .....	16
Leitura .....	17
Saudação .....	18
Poema esquisito .....	19
Antes do nome .....	20
Azul sobre amarelo, maravilha e roxo .....	21
O dia da ira .....	22
A invenção de um modo .....	23
Um salmo .....	24
Os acontecimentos e os dizeres .....	25
Bucólica nostálgica .....	26
Para comer depois .....	27
A catecúmena .....	28
Reza para as quatro almas de Fernando pessoa .....	29
Todos fazem um poema a Carlos Drummond de Andrade	30

Disritmia .....	32
Guia .....	33
Bendito .....	34
Anunciação ao poeta.....	36
De profundis.....	37
Sítio .....	38
Os lugares comuns .....	40
Fé .....	41
O reino do céu .....	42
<b>O CORAÇÃO DISPARADO</b>	
Linhagem .....	47
Hora do Ângelus .....	49
Dia .....	50
Bairro.....	51
A maçã no escuro.....	52
Ausência da poesia.....	54
Dolores .....	56
Canto eucarístico.....	58
Paixão .....	60
Códigos.....	64
A falta que ama.....	65
Sesta .....	67
Órfã na janela.....	69
Entrevista .....	70
Impropérios.....	71
A poesia, a salvação e a vida.....	73
O antigo e o novo testamento.....	75
Gregoriano.....	77

O poder da oração.....	78
Atalho .....	79
TERRA DE SANTA CRUZ	
A boca .....	83
Trottoir.....	84
O espírito das línguas.....	86
A face de Deus é vespas .....	87
Móviles.....	88
Casamento .....	90
Lembrança de maio.....	91
Lapinha.....	92
O alfabeto no parque .....	93
Limites.....	95
Branco.....	97
A filha da antiga lei .....	98
O anticristo ronda meu coração .....	99
À soleira .....	100
Festa do corpo de Deus.....	101
O homem humano .....	103
A porta estreita .....	104
Terra de Santa Cruz .....	105
O PELICANO	
A rosa mística .....	109
Deus não rejeita a obra de suas mãos .....	111
Objeto de amor .....	112
A bela adormecida.....	113

Missa das 10 .....	115
Heráldica .....	116
O nascimento do poema .....	117
Duas horas da tarde no Brasil .....	119
A treva .....	121
Pranto para comover Jonathan .....	122
Adoração noturna .....	123
O pelicano .....	124
A FACA NO PEITO	
O destino do alvissareiro .....	129
A formalística .....	130
Em português .....	131
Artefato nipônico .....	132
Parâmetro .....	133
As palavras e os nomes .....	134
Como um bicho .....	136
A cicatriz .....	137
O conhecimento bíblico .....	138
Fieira .....	140
A santa ceia .....	141
A DURAÇÃO DO DIA	
Tão bom aqui .....	145
Uma janela e sua serventia .....	146
Divinópolis .....	147
Rute no campo .....	149
Branco e branco .....	150
Pensamentos à janela .....	151

Fosse o céu sempre assim.....	152
A escritã na cozinha .....	153
Da mesma fonte.....	155
A necessidade do corpo .....	156
Credo.....	157
Jejum quaresmal.....	158
Imagem e semelhança.....	159
Sítio arqueológico .....	160
Harry Potter .....	161
O noviço e a abstinência de preceito.....	162
Mais potente que hormônios.....	163
Em mãos.....	164
Sem saída .....	165
Deve ser amor.....	166
As demoras de Deus .....	167
O aproveitamento da matéria .....	168
O visitante da noite.....	169
Alcateia .....	170
A pintora.....	171
O vivente .....	172
Santa Teresa em êxtase.....	173
Constelação .....	174
Esplendores .....	175
Cartão de Natal para Marie Noël.....	176
Nem parece amor .....	177
Línguas .....	178
O ditador na prisão.....	179
Três nomes.....	181

## MISERERE

Branca de Neve.....	185
A paciência e seus limites.....	187
Humano.....	188
Quarto de costura.....	189
Jó consolado.....	190
Pingentes de citrino.....	191
Previsão do tempo.....	192
Avós.....	193
Contradança.....	194
A que não existe.....	195
Sala de espera.....	196
O hospedeiro.....	197
A criatura.....	199
Sacramental.....	200
O que pode ser dito.....	201
Lápide para Steve Jobs.....	203
Espasmos no santuário.....	204
Pontuação.....	206
Pomar.....	207
O Pai.....	208
Inverno.....	209
Encarnação.....	210
Nossa Senhora dos Prazeres.....	211
Do verbo divino.....	212
Num jardim japonês.....	213
Qualquer coisa que brilhe.....	214